

INOVAÇÃO EM SALA DE AULA : UMA ENTREVISTA COM CRISTHIANE CUNHA FLÔR

Entrevista concedida a Maria Renata Prado¹

A professora Cristhiane Cunha Flôr possui Licenciatura em Química pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2002), Mestrado em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC (2005) e Doutorado em Educação Científica e Tecnologia também pela UFSC (2009). Foi professora de química no ensino médio na rede de educação do Estado de Santa Catarina, professora substituta no Departamento de Metodologia de Ensino da UFSC , professora Adjunta no Departamento de Química da Universidade Federal de Viçosa e atualmente é professora adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e do Programa de Pós Graduação em Educação da UFJF.

1- Quando se fala em inovação em sala de aula, no Brasil vivemos o seguinte paradoxo: alunos extremamente ambientados com as nova tecnologias e professores muitas vezes resistentes a elas. Como balancear essa complicada equação?

Em primeiro lugar gostaria de lembrar e ressaltar a heterogeneidade das situações educacionais no Brasil. Temos situações e salas de aula muito diversas, encontrando desde estudantes extremamente ambientados à tecnologia, como você menciona, até aqueles que não têm acesso a computadores, internet, data shows e outros aparatos tecnológicos. Isso é importante de ser pensado pois contextualiza a situação que você apresenta. O questionamento então, torna-se: no caso de estudantes ambientados a tecnologias de informação e comunicação e professores resistentes a essas mesmas tecnologias, o que fazer?

Creio que é muito importante compreender de que resistência se está falando e quais os limites que são forçados quando essas tecnologias irrompem na sala de aula. Os smartphones são um bom

¹ Diretora de Pesquisa e Pós Graduação Doctum, Pós Doutoranda em Educação na Universidade de Paris Descartes-Sorbonne, Pós Doutora pela UFJF, Mestre e Doutora pela Universidade de Paris.

exemplo da tensão que pode ser causada. Redes sociais e aplicativos como o WhatsApp fazem com que a tentação de se atualizar, conversar, comunicar se torne quase irresistível, afinal, como aguentar duas horas sem saber das novidades? Muitas vezes me pergunto: em que isso difere dos sussurros, cochichos e bilhetinhos trocados nas aulas de minha adolescência? Não serão a falta de interesse pelo que está sendo ensinado - ou pelo menos pela forma como está sendo ensinado - e a curiosidade pelo mundo lá fora, aquele alheio à escola, as mesmas das salas de aula que frequentei, ou mesmo das que os meus pais frequentaram? Penso que as tecnologias mudaram a plataforma de comunicação, mas não os motivos. É preciso deixar que a vida invada as salas de aula, e conversar abertamente quando limites de respeito forem extrapolados. As tecnologias são construtos humanos, não intrinsecamente bons nem ruins, mas criados pelo ser humano e por ele utilizados. Relações humanas mais saudáveis em sala de aula podem auxiliar no equilíbrio dessa situação, embora com a formação em química que tenho precise lembrar de que equilíbrio não significa estagnação, mas constante movimento e que a equação, em si, representa processos em andamento.

2- O que fazer CONCRETAMENTE com um aluno desmotivado face a necessidade de cobrir conteúdos e dele desenvolver competências?

Imagino que, ao grifar a palavra concretamente, você esteja solicitando que eu não me perca em elocubrações teóricas. Você contrapõe conteúdos e motivação. Mas é necessário refletir, o que significa estar motivado? A motivação, a meu ver, sem recorrer a teorias, tem componentes intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo. O que pode motivar um estudante vai desde o gosto pelo conhecimento até a vontade de ascender socialmente ou de agradar aos pais. Uma aula bem dada pode motivar um estudante a buscar conhecimentos e a aprender? creio que sim. Mas não somente. Novas metodologias de ensino podem fazê-lo? Também. Cobrir conteúdos e motivar os estudantes exige, com certeza, novas posturas educacionais dos professores. Trabalhar a partir de temáticas, dos contextos sociais e realidades vividas pelos estudantes pode ser um bom caminho. Problematizar o cotidiano desses estudantes a partir do ponto de vista da ciência com a qual trabalha. E isso pode ser feito de muitas formas. Para a realidade que descreve na questão anterior, de estudantes ambientados com novas tecnologias, trazê-las para a sala de aula pode, não garante, mas pode dar conta da motivação e do conteúdo.

3- Considerando o atual contexto de desenvolvimento tecnológico e o "desconforto" ainda sentido pela maioria dos/das professores/as, para o uso destas tecnologias em sala de aula, como podemos incentivar e promover, no âmbito da formação inicial e/ou continuada, práticas docentes inovadoras?

Eu costumo trabalhar, em minhas aulas na graduação, com a utilização de filmes e documentários em sala de aula, bem como utilizo a plataforma Moodle disponibilizada pela Universidade para realizar movimentos à distância em disciplinas presenciais e em meus grupos de estudos e pesquisa, embora nos últimos semestres esta plataforma tenha sido substituída, em ambos os casos, por grupos fechados em uma rede social. É uma forma de comunicação de rápida visualização, dinâmica e da qual todos os membros podem participar ativamente. Grupos no aplicativo whatsapp também funcionam para comunicados sobre as aulas e reuniões. Como trabalho na formação inicial de professores de química e de pedagogos, acredito que isso possa auxiliá-los na compreensão dos limites e possibilidades da utilização dessas tecnologias na mediação das relações escolares. No entanto ressalto, como disse anteriormente, que vejo nisso apenas a mudança de plataforma de uma disposição de ambos os atores da relação pedagógica - professores e estudantes - para a comunicação. A tecnologia dinamiza, mas as respostas por esses meios também podem ser lacônicas. Aliás, existe um pressuposto básico nessa questão, que induz a pensar que todos os estudantes gostariam da implementação dessas tecnologias nas escolas. Tenho orientandos na pós graduação e estudantes de graduação que não tem e nem querem ter contas em redes sociais, que não possuem smartphones apesar de terem condições financeiras para tanto. Outros que não querem misturar questões escolares com um ambiente que consideram propício ao ócio e fruição, e não a relações escolarizadas. Suspeito que, em alguns casos, tenham razão. Então penso que colocar o desconforto apenas em relação aos professores e colocar uma necessidade de abordagens tecnológicas por parte dos estudantes é polarizar uma situação bem mais complexa.

Por outro lado, a inovação não precisa ser pensada apenas em termos de tecnologias da informação. Para um professor que sempre deu aulas expositivas, ou foi formado para tal, inovar pode ser uma saída de campo. E vice-versa.

4- Penso como grande desafio: como conciliar novas tecnologias X práticas educativas diferenciadas para alunos que aprendem de forma diferente?

Aprender o que, para que, como? O avanço e inovação tecnológicos no que diz respeito a tecnologias de informação e comunicação são tão surpreendentes e rápidos que, mesmo que a escola quisesse acompanhá-los, não conseguiria. Vejo que a questão que esses avanços colocam para a educação é: o que é necessário aprender? Já que as tecnologias nos libertaram da necessidade de aprender e acumular conteúdos e conceitos, que agora estão disponíveis a um clique, precisamos ensinar e aprender a distinguir entre informações confiáveis, úteis, formativas, e aquelas que não o são. Precisamos aprender o sentido e significado dessas informações no mundo concreto onde vivemos. Essas práticas educativas precisam, a todo momento, colocar em xeque e questionar a tecnologia, para que também esta se torne objeto, e não apenas instrumento de ensino e aprendizagem.

5- Na sala de aula, quem inova: o professor ou a instituição de ensino?

Creio que ambos. Instituições de ensino que trabalham apenas com cursos clássicos, de maneira disciplinar, que não propiciam condições materiais para a utilização de tecnologias de informação e comunicação nem tampouco espaços de socialização, lazer, ócio... Inovam exatamente em que? Cobram inovação, mas como a possibilitam? Professores que utilizam redes sociais para enviar listas de exercícios... inovam? Se pensarmos a inovação como surgimento do novo, todos os atores envolvidos nos processos educacionais são passíveis de promover a inovação. Principalmente se trabalharem harmonicamente e em conjunto. O novo sempre pode surgir, mas com certeza podemos potencializar esse surgimento sendo melhores professores, com melhores condições de trabalho propiciadas pelas instituições educacionais.